

SAUDAÇÃO AOS CONGRESSISTAS

Izaltina Goulart de Azevedo

Presidente da Comissão Executiva

Digníssimas autoridades presentes

Senhoras, Senhores

Antes de saudar as Enfermeiras do Brasil, peço permissão aos presentes para prestar nossas homenagens a três grandes nomes que, se vivos, estariam certamente aqui recebendo as honras deste Congresso.

D. Lais Neto dos Reis

Fundadora da segunda Escola de Enfermagem do Brasil, a qual foi a primeira de Minas Gerais: a Escola Carlos Chagas, hoje Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

Enfermeira Marina Andrade Rezende

Sob cuja presidência da Associação Brasileira de Enfermagem realizou-se, em 1960, o último Congresso Brasileiro de Enfermagem nesta Capital.

Professor Otávio Magalhães, da UFMG

Ilustre professor da Escola de Enfermagem Carlos Chagas durante toda a sua vida de magistério.

Para esses vultos inesquecíveis, solicito deste seletto auditório um minuto de silêncio.

Prezados ouvintes

Sentindo a responsabilidade de dar um sentido a esta saudação, um desejo imenso de que as palavras aqui proferidas, em nome da Seção de Minas, adquiram a força precisa para atingir o vosso espírito, buscamos ajuda naqueles que legaram à humanidade o resultado de suas meditações, sobre os valores que colocaram mais alto em seu pensamento.

Em "Antologia da Sabedoria", há um pequeno artigo, de um escritor portoriquenho, intitulado "Os Homens-Sim e Os Homens-Não".

Começa o autor dizendo que: "as coisas governam os homens mais que os homens as coisas, mas o preconceito da negação não é mais que pessimismo de homens irresolutos."

E comenta: esses homens foram os que se aterrorizaram diante do oceano imenso, e o chamaram "Mar Tenebroso"; e, acovardados ante as ondas, retrocederam e lhe chamaram "abismo que separa".

Mas vieram os homens SIM e surgiu o tronco flutuante, o madeiro oco, a vela, o leme, a bússola, o barco a vapor; pontes movediças que levaram o progresso a todos os povos.

Os homens pusilânimes, os timoratos, os abúlicos, os homens Não viram as geleiras, e jamais pensaram transpô-las.

Mas, apareceram os homens Sim e domaram o cavalo, amansaram o boi, inventaram a carreta e o carro, a estrada de ferro. A montanha veio abaixo para estremecer o abismo, e se perfurou o monte e se fez o túnel, e o apito atroador da locomotiva despertou aqueles que se haviam adormecido no sono enervante do pessimismo.

E aconteceram os progressos humanos!

Nenhum homem é completo em sua obra. Torna-se necessário que outros a venham completar. E esses são os homens SIM.

É preciso fraternidade intelectual entre os homens para o progresso da humanidade. E os povos que não concorrem para essa fraternidade, a fim de avançar, perecem irremissivelmente petrificados, quando o sino da civilização e da expansão toca a rebate.

Lamentamos que o nosso escritor, falecido em 1930, Caetano Coll y Toste, não pudesse presenciar, nos últimos quarenta anos, os progressos da ciência e do trabalho, do desenvolvimento industrial e da tecnologia, operados neste mundo, pelos homens SIM; todos os trabalhos realizados nas áreas mais complexas do conhecimento humano, em quase meio século em que ele não mais existiu. O avanço da Matemática, da Química, da Biologia e da Física.

Lamentamos, ainda, que ele não vivesse a Era do avanço dos antibióticos, das vacinas contra a poliomielite, das cortizonas, dos tranqüilizantes, das modernas técnicas cirúrgicas, dos transplantes.

Que pena que ele não tenha visto o microscópio eletrônico, o computador eletrônico, o reator atômico, o navio e o submarino nucleares, o transistor, o vôo espacial, o homem chegando à Lua!

Que pena que ele não pudesse ouvir, em seu próprio lar, em aparelhos estereofônicos, as grandes orquestras sinfônicas do mundo, executando as obras dos gênios da música de todos os tempos.

Como sentimos que ele não possa apreciar as grandes conquistas da inteligência humana, tanto nos seus aspectos materiais, numa arrojada demonstração de força e de coragem, como em todas as formas de expressão da beleza, da capacidade criadora de espíritos vigorosos, no campo da arte, estabelecendo comunicação mais estreita entre todos os povos e todas as raças.

Homens construindo, modificando tudo, progredindo, trabalhando, uns com o seu pensamento, outros com seus braços. Mãos calejadas, cérebros iluminados, espíritos cheios de estrelas. Homens atravessando desertos, não mais de areias, mas de indiferenças e desalentos, homens tombando na luta, homens se levantando, para recomeçar. Homens embaixo da terra, cavando e se arriscando, homens em cima da terra, cultivando, movimentando-se, estudando, pesquisando, refletindo, conquistando! Homens governando, homens obedecendo; homens transpondo espaços, em busca de novos mundos, homens enfrentando derrotas e vitórias: Homens SIM.

E se as conquistas resultantes do avanço da ciência e da tecnologia oferecem aspectos negativos e ameaçadores, não podemos negar o seu saldo enormemente positivo.

Considerando os resultados das lutas e das pelejas desta humanidade, da qual fazemos parte, se não podemos penetrar no mistério das suas grandes dores e das suas alegrias, pelo menos aprendemos a respeitar e a valorizar a capacidade de sofrer do ser humano, capacidade essa que constitui a medida mais exata do seu valor moral.

Esta visão, ainda que não muito profunda, do drama em que o mundo se debate para as suas conquistas, impele-nos a procurar nele o nosso lugar mais acertado! Buscamos nossa posição nessas batalhas, desejamos responder positivamente aos grandes benefícios que outros nos legaram, queremos atender aos apelos dos que necessitam do nosso trabalho, da nossa honestidade de propósitos, da nossa cooperação para a saúde dos seres humanos, especialmente dos nossos irmãos neste País que é o nosso berço. Também queremos integrar as fileiras dos homens SIM.

“Nada, absolutamente nada, sai completo da mente humana como saiu Minerva da cabeça de Júpiter, perfeitíssima”.

Verificamos, pois, na história das grandes conquistas que uns tombaram no caminho; mas outros surgiram e empunharam as suas bandeiras, conduzindo-as, corajosamente, pelas trilhas dos predeterminados à realização de altos objetivos.

Sabemos que a enfermagem no Brasil, desde Ana Nery, até 1960, seguiu uma trajetória verdadeiramente desoladora. Só nessa época foi a Enfermeira reconhecida como profissional liberal. E então começamos a vislumbrar novas claridades e novos horizontes. As Universidades adotam a criança, até então rejeitada, ainda engatinhando e amparam-na nos primeiros passos. Em doze anos de vida universitária, ela enfrenta a crise da adolescência e começa a amadurecer. Sua voz começa a ser ouvida, seu trabalho solicitado.

Seria longo e mesmo inoportuno abordar os caminhos percorridos pela Enfermagem em Minas Gerais. Assim, passamos aos trabalhos do nosso Congresso.

No Congresso de Manaus, o XXIII da Associação Brasileira de Enfermagem, a Diretoria da Associação e as Delegações dos outros Estados, lembrando-nos que há doze anos não realizávamos um Congresso, manifestaram as suas esperanças de que o XXIV se realizasse em Minas. Muitos foram, então, os nossos temores. Não dispunhamos de recursos financeiros e considerávamos imensas as barreiras que teríamos de transpor para que ele não viesse terminar em fracasso e humilhação para Minas Gerais.

Assumimos, desta forma, bastante receosas, a nossa responsabilidade.

Muitas vezes, no início das nossas atividades, fomos assaltadas pelos fantasmas do medo e do pessimismo.

As primeiras negativas de colaboração nos assustaram. Mesmo assim, não tivemos — como o filósofo — de fazer o exercício das mãos estendidas para as estátuas, a fim de nos habituarmos à recusa! Continuamos a lutar pacientemente. A pouco e pouco começaram a cair as barreiras, o gelo foi-se derretendo ante a nossa argumentação; dissemos dos trabalhos que a Enfermagem vem desenvolvendo na área da saúde, para recuperação do homem brasileiro; acentuamos os problemas dos profissionais de enfermagem e, sobretudo, aqueles relacionados ao ensino da enfermagem no País, que seriam ventilados neste Congresso; e destacamos todos os caminhos que pretendíamos abrir para o futuro da profissão.

Aqueles que puderam entender que não se tratava apenas de uma festa de conagraçamento, e sim de uma classe de trabalhadores da área de saúde, realmente interessada em definir a sua posição, esses começaram, então, a nos apoiar.

Certamente, porque compreenderam que o trabalho desta classe constitui fator de real importância no contexto nacional em nossa arrancada para o desenvolvimento.

Entenderam, também, que a real independência de um País está apoiada nas pilastras formadas pelo binômio saúde-educação.

Este País que, no ano em curso, comemora tão solenemente o Sesquicentenário de sua Independência, reclama de cada um de nós, esforço e trabalho honesto para a sua completa integração.

Percebendo isto, muitos foram os que nos apoiaram. E foram muitos os que abriram para nós as possibilidades da realização deste Conclave: órgãos dos Governos Federal, Estadual e Municipal, Poderes Cíveis e Militares, Entidades particulares.

Acreditamos ter citado a todos em nossa lista de homenageados. Assim, dispensamo-nos de enumerá-los novamente. Entretanto, um ato de justiça nos obriga a colocar em relevo o papel que desempenhou neste Congresso a Universidade Federal de Minas Gerais.

Peço perdão à modéstia do Magnífico Reitor Marcello Vasconcellos Coelho, se deixo bem claro que a Universidade, sob a sua direção, constituiu o verdadeiro baluarte deste Congresso.

Também não poderíamos omitir a contribuição do Senhor Governador do Estado, através da Comissão Organizadora das Comemorações do Sesquicentenário, cujos ilustres membros demonstraram um grande entusiasmo pelo empreendimento, além da marcante simpatia com que se apressaram em atender as nossas solicitações.

É imperativo ainda ressaltar a decisiva participação do Senhor Secretário de Estado da Saúde, que colocou à nossa disposição as dependências da sua Secretaria, dotando-a, para este fim, de todos os requisitos necessários à realização do Certame. A sua Excelência cumpre-nos registrar a nossa gratidão.

Da Universidade Católica, tivemos através da Faculdade de Comunicação, uma excelente cobertura jornalística, que muito valorizou o nosso trabalho.

E as equipes dos Laboratórios, como foram generosas!

Obriga-nos a emoção a estender o nosso reconhecimento à Imprensa da Universidade que, a partir de seu ilustre Diretor, até o mais modesto funcionário, dispensaram verdadeiro carinho ao imenso volume de trabalho que lhes confiamos.

O emblema que adotamos foi trabalho de um artista, Professor Eduardo de Paula, da Escola de Belas-Artes, e exprime aquilo que realmente desejamos: peças convergentes para um centro, ou seja, o Brasil unindo-se em Minas Gerais. No conjunto, a idéia de construção, de força, de unidade, de integração. Causou-nos grandes emoções este cartaz, despertou confiança em nossas possibilidades, fez crescer nosso entusiasmo e a alegria de receber as enfermeiras

e enfermeiros de todo o Brasil. E cremos que todo este País, que amamos, está aqui representado para participar dos trabalhos que pretendemos realizar, numa comemoração do Sesquicentenário da Independência.

Caríssimos colegas:

É muito pouco o que vos oferecemos e muitos os sacrifícios que deveis ter feito para atender ao chamado de nossa Associação. Desejávamos que tudo fosse perfeito para o vosso conforto material, para alegria de vossos corações e para o entusiasmo de vossos espíritos, ao nos reunirmos para o início de nossos trabalhos. Podeis crer que nos esforçamos bastante neste sentido; mas não nos foi dado, entretanto, vencer todas as nossas limitações.

E Minas Gerais, não podendo fazer por vós tudo o que deseja, ergue bem alto o seu coração e vos saúda, Enfermeiros do Brasil pedindo ao Bom Deus que abençoe nosso encontro, a fim de que os seus resultados sejam tão altos e tão enriquecedores em conhecimentos, quanto os sonhos que acalentamos de que esta profissão se torne cada dia mais digna de nossa Pátria.

SEDE BENVINDOS!